



# como contar histórias

NUNO LEVY

***ebook***

**LestoPay**  
PAGAMENTOS RÁPIDOS

# Índice:

Nha Fifi

“Fidjo Fora”

A sortuda da loteria

Quanto mais deres mais receberás

Vamos?

O Chauffeur apresentador

Falko i Djugudé

# como contar histórias



## Nha Fifi

Não sei quando comecei a ouvir histórias, mas sempre me fascinaram e conseguiam me prender a atenção. Os primeiros momentos de que me recordo eram nas férias de verão escolares. Naquele tempo (☺ nem acredito que estamos a falar dos anos 80) tínhamos 3 meses, bem 3 de férias e ia muitas vezes passar uma temporada com a minha avó Fifi.

Nha Fifi como era chamada vivia sozinha num casarão de família cujo pai lhe tinha deixado na vila do Tarrafal. Não havia muito que fazer senão os banhos de praia o dia todo seguidos do clássico passeio na praça à noite.

Muitas das noites eram preenchidas sentados na soleira da porta do grande quintal da casa a ouvir histórias de Nha Nininha, a senhora que fazia companhia à minha avó. A senhora desdentada e amiga sabia conduzir e aproveitar-se bem do contexto e adorava contar histórias de feiticeiras (histórias reais segundo ela) até de madrugada sempre à luz do luar com os roçar das folhas das plantas de cana-de-açúcar na horta ao sabor da brisa noturna.

Não se via nada pois, em tempos, a eletricidade era limitada e o gerador da vila que era controlado pelo Sr. Afonso era ligado exatamente às 18h e taxativamente apagado às 22h. Então depois das horas de luz elétrica somente a famosa cafuca era usada.

Imagino que Nha Nininha, assim como os contadores de histórias tradicionais tenha apreendido com a avó ou outras pessoas de idade. Como acontece com frequências as histórias giravam à volta de valores que se violados conduziam a punições ou quando respeitadas garantiam o final feliz. Desde que o homem existe as histórias serviram para passar a explicação do mundo, estabelecer valores e regras de vida e ensinar.

E, sabem, que embora as nossas experiências com histórias são quase sempre na infância e ao crescermos tendemos a minimizar as histórias como coisas de crianças o que estamos mesmo é deixando para trás uma poderosa ferramenta para comunicar.

E não por acaso, quando começaram as transmissões televisivas e o meu pai trouxe uma pequena TV à minha avó a sala dela enchia-se de gente agora para ver as histórias na TV.

A TV, os cinemas não sentem vergonha das histórias e é como ganham rios de dinheiro, contando histórias. Mas, por alguma razão alguns não vêem o potencial de comunicar com histórias para avançar a sua carreira seja em como lidera ou coordena equipas ou mesmo fazendo apresentações com histórias.

Por isso, fizemos este ebook para partilhar contigo “como contar histórias” sejam nas tuas apresentações profissionais, reuniões de trabalho, motivar e liderar tuas equipas e porque não também no teu tempo pessoal e familiar.

# como contar histórias

## “Fidjo Fora”

Quando era professor na Universidade de Cabo Verde tinha umas turmas noturnas de trabalhadores-estudantes, muito amigos até esta data. Na altura numa das disciplinas que seguia com eles insistia o quanto era importante fazerem pesquisas em inglês e tentarem estudar na mesma língua pois a tecnologia acontece primeiro em inglês.

Para lhes motivar contei-lhes uma história que ia mais ou menos assim:

“Havia um senhor muito mulherengo que fazia várias escapadelas de casa nas suas paródias. Numa destas escapadelas veio a saber que tinha engravidado uma moça. Mas, não quis saber de assumir a criança e manteve a sua esposa e família no escuro sobre a mesma.

E terminava dizendo “não deixem o inglês ser o vosso – fidjo fora. No caso com os meus alunos o “inglês” era um “fidjo fora” que lhes podia surpreender negativamente no futuro caso não o assumissem.

É incrível que passados 20 anos desta história (numa aula de 50 minutos) ainda ao encontrar com alguns desses alunos me lembram disso.

Passados alguns anos a sua filha de casamento já era uma adolescente e começou a sair com as amigas e namoriscar. Um belo dia, a filha muito contente traz o namorado para a casa de forma a conhecer os pais.

Quase morria de um ataque cardíaco o pai quando reconheceu no namorado da filha o “fidjo fora”.





## como contar histórias

### Alice no país das maravilhas

Estive a coordenar por +12 anos equipas de vendas, e para quem conhece equipas de vendas normalmente são muito heterogéneas em termos de competências, muitos jovens e no primeiro emprego, mesmo os licenciados nunca ninguém lhe ensinou como vender.

E um dos pilares fundamentais das equipas de vendas é seguir e perseguir objetivos de vendas. Quando tens equipas heterogéneas as histórias são ferramentas fundamentais de comunicação, pois a abordagem clássica, analítica e formal simplesmente não funciona. Na minha experiência em vendas existem 2 pilares:

1. Determinar e seguir objetivos (onde vamos?);
2. O processo de vendas (como e porquê?)

E muitas vezes reforçava com as equipas nos nossos briefings periódicos estas duas dimensões com histórias. Uma delas ia assim:

“Alice perdida no bosque chegou numa bifurcação. Virou para esquerda e virou para direita sem saber que estrada tomar. Viu um gato pachorrento e dorminhoco sob uma árvore ao que lhe perguntou: para onde é a estrada?

O gato: depende, onde queres ir?

Responde a Alice: não sei.

E o gato: se não sabes onde queres ir qualquer estrada te levará.”

Com esta história reforçava junto dos comerciais a necessidade de terem sempre presente para onde querem ir (quais os seus objetivos) pois isso determina as decisões que eles tomam no passo 2: processo de vendas.

Assim, meio a brincar quando via algum comercial distraído com os seus objetivos gozava se ele (a) era Alice no país das maravilhas. Podia ralar, e muitas vezes ralhei, mas com histórias entranhava mais na mente do vendedor e o ajuda a manter o foco, pois sabes as histórias são como aquelas músicas que nos ficam na mente e tocam repetidamente sem darmos conta.

Algumas vezes para salientar o processo de vendas, os meus colegas “apanhavam” com a história da “dieta do bikini”. Nunca vos contei essa?

Pois aqui vai:

“Queres aquele corpo maravilhoso da Luciana Paes?

O que traumatiza os seguidores da dieta do bikini é que querem ter a beldade e o corpo, mas não querem suar para lá chegar e manter-se.

A metáfora da dieta do bikini se aplica a tudo aquilo que podemos estar a aspirar neste Ano Novo, se queremos algo ou alguém muito provavelmente deveremos seguir um "processo" e não estar à espera de um "evento".

Os valores em causa com estas duas histórias são: foco e disciplina. Precisamos ter foco nos objetivos e também ter disciplina para seguir um processo de vendas (como fazer e porquê). Não basta saber onde vais, mas também como lá chegar.



## como contar histórias

### A sortuda da loteria

Conta-se de um episódio de uma sortuda que ganhou no totoloto na cidade do Mindelo. Logo após aquele ganho extraordinário a senhora que era de origens e levava uma vida humilde decidiu fazer mudanças radicais na sua vida.

Primeiro quis mudar de casa saindo do seu bairro em Chã de Alecrim para a encosta de Alto São Nicolau onde as “socialites” do Mindelo moram. Como já não se sentia digna de ir trabalhar no mercado como fazia antes caiu em contos dos vigários de negócio fabulosos onde só metia seu dinheiro, enquanto outros lucravam.

Como o seu guarda-fatos já não condizia com a sua “posição” correu todas as boutiques da ilha comprando os mais espalhafatosos vestidos.

Acabou seu nenhum tostão e como não conseguia cumprir com o empréstimo da casa de Alto São Nicolau teve que “descer” para o antigo bairro.

O que aconteceu com a senhor é que ela tinha ganho dinheiro numa rodada de totoloto, isto é, um evento único. E por não conhecer o processo de tornar-se rica perdeu tudo o que tinha ganho num piscar de olhos.

Levei esta história como introdução num evento na Câmara de Comércio de Roterão alguns anos atrás onde o meu ponto principal era promover os investimentos em Cabo Verde.

A história serviu para convencer os presentes que Cabo Verde tinha investido num processo de atração de investimentos sólido com benefícios fiscais atrativos, estabilidade económica e paridade com o Euro assim como a estabilidade política um dos ingredientes fundamentais para fazer negócio.

Mesmo em ambientes formais e competitivos como a atração de investimentos a história tem um papel fundamental pois ajuda a conectar com as pessoas, e os empresários holandeses são pessoas também.

Recebi muitos cumprimentos após essa apresentação e durante a mesma, contrariamente aos 4 oradores antes de mim manteve a plateia atenta e interessada e com muita curiosidade em saber mais.

# como contar histórias

## quanto mais deres mais receberás

A frase "quanto mais deres mais receberás" e atribuída a São Francisco de Assis e por acaso foi o título de uma história que escolhi para uma apresentação há algum tempo.

A história conta de um pobre homem que entra num templo a pedir ajuda pela sua má sorte e que é surpreendido por uma voz sobrenatural que lhe responde as suas preces dizendo "quanto mais deres mais receberás".

Por causa deste espanto, o homem sai a correr do templo tropeçando nas escadarias e caindo por terra. Ao levantar-se depara com um fio de palha entre as mãos.

Descendo a rua abaixo do templo encontra uma vendedeira de laranjas com o seu filhote que lhe pede o fio de palha pois vê nele uma "borboleta". O homem oferece o fio de palha e em troca a mãe dá-lhe 3 laranjas.

E a história prossegue de troca em troca até o pobre homem ser agraciado com uma joia preciosa.

Enquanto contava a história do pobre camponês fazia os gestos do mesmo ao entregar e ao receber em troca.

Isso para vos introduzir no "poder da imaginação" ao contar uma história.

Para contar uma história com sucesso não basta somente a nossa voz, os nossos gestos e movimentos ajudam a "imaginar" que estamos dentro do contexto tornando-a mais real.

Não pensem que imaginar e fazer os gestos e movimentos dos personagens seja uma perda de tempo, pois a vossa plateia também imagina e muito aprecia quem lhes estimula.

Assim, enquanto fazia o gesto do homem que oferecia o fio de palha à criança, abaixei-me e estendi a mão como se uma criança estivesse à minha frente.

Quando ia receber as laranjas oferecidas pela mãe levantei-me e estendi ambas as mãos para receber pois 3 laranjas não cabem numa mão.

Fazer uso de gestos imaginários pode inicialmente parecer infantil ou estúpido mas é muito potente em termos de eficácia de comunicação pois o ser humano compreende muito mais com a combinação do dizer+fazer.

Mas como fazer bom uso da imaginação nas nossas histórias?

Devemos "entrar" dentro da mesma.

Imaginem a clássica história da arca de Noé, em que animais de todas as espécies aos pares sob os tumultos dos raios e trovões, correntes e balanceamento da arca na água, durante 40 dias

# como contar histórias

## quanto mais deres mais receberás (cont.)

Qual seria a perspetiva se estive a contar o que se passou do ponto de vista do casal galo-galinha?

E o ponto de vista das girafas que deveriam estar apertadas com os seus pescoços enormes?

Para entrar na historia não fiquem na simples narrativa, mergulhem num ou vários personagens ou quem estava presente e imagina o que viveu, sentiu e pensou.

Por cada personagem ou objeto que imaginem o seu ponto de vista e sentir, mais rica e real a vossa historia fica.

A imaginação e a primeira e a maior ferramenta e um contador de historias. Para contar bem uma história e preciso que a vejamos primeiro na nossa mente.

Não se deixem desencorajar se uns podem parecer mais imaginativos de que outros. Pensa que seja como aprender uma língua estrangeira, una aprendem mais depressa somente.

Aquele abraço.



como contar  
histórias



# start

## Vamos?

Já trouxe alguns exemplos de histórias e aplicações no processo ensino-aprendizagem, gestão de equipas, apresentações públicas agora vamos ver “como contar uma história”.

Primeiro passo é encontrar a tua história. Para isso pensa em termos de valores (justiça-injustiça, bem-sucedido-fracassado, Foco-Distração, Honestidade- desonesto, bondade-crueldade ...) e o que queres obter ou comunicar. No anexo deste ebook trazemos algumas histórias que podes usar para praticar.

Vou assumir que por exemplo na tua organização o calcanhar de Aquiles é a execução e que não tem problemas na estratégia, mas sim em como fazer acontecer e trabalhar em cima da história do “Comitê dos ratos” que podes ver no anexo a este e-book e trago aqui:

Havia uma excitação no ar, era a primeira vez que ia participar no comitê das famílias, e tudo por causa do gato. Ultimamente tinham-se multiplicado os acidentes entre os irmãos, e assim as famílias dos ratos convocaram uma reunião de emergência para ver como resolver a situação.

Começaram as discussões sobre o olhar atento e calado do ancião. Eu entre os mais jovens com os meus colegas estava entusiasmado a seguir o que se passava nas entranhas da velha casa onde vivíamos. O subterrâneo cinzento e com cheiro a mofo tinha-se lotado de todas as famílias amedrontadas e aterrorizadas pelos ataques do gato que tinha levado ainda ontem o irmão Jaime.

Então, deu-me uma ideia e com toda a excitação pedi a palavra à assembleia dizendo: porque não metemos um sino no pescoço do gato?

Caiu um silêncio, e todas as caras viram-se para mim com grandes sorrisos: “Boa ideia, é isso mesmo se o gato tiver um sino não nos vai surpreender mais pois conseguiremos lhe ouvir quando se aproxima.”

A assembleia gostou muito da ideia com a possibilidade de poder escapar

às garras do bichano e se abraçavam uns aos outros contentes por terem encontrado a solução.

Vindo tudo o que se passava, entre júbilos e comemorações, o ancião levantou-se da sua cadeira chamando a atenção da plateia que se silenciou para o ouvir, e disse:

“Quem vai meter o sino no pescoço do gato?”

Moral: É muito fácil ter uma ideia, o difícil é meter em prática

# como contar histórias



## Vamos? (cont.)

Um dos primeiros passos é ler a história uma vez e de seguida mete de lado o papel da história e tenta contá-la sem te preocupar se estás a fazer bem nesta fase.

Conta-a umas duas ou 3 vezes, mas agora do ponto de vista de outro personagem que nela esteja. Por exemplo, imagina que seja o velho rato a narrar a mesma, podia ser algo assim:

Com as minhas dores nas costas violentas que sinto tenho de ir ao comité dos ratos que foi convocado para resolver o problema do bichano cá de casa que está fazendo estragos atacando e matando meus conterrâneos.

Apesar dessas dores com a minha bengala arrastei-me até à sala da reunião para encontra-la cheia e lotada num alvoroço total de vozes a queixarem-se a exteriorizarem os seus medos e ansiedade que estavam a viver principalmente depois do gato ter feito mais uma vítima. Sentei-me no cadeirão reservado aos anciãos quando no meio da discussão um jovem que

nunca tinha visto pediu a palavra para dar a ideia de meter um sino no pescoço do gato de forma que ao aproximar-se os ratos podiam fugir. Vi o jubilo e contentamento que a ideia do jovem trouxe à plateia, mas senti que devia intervir e trazer um pouco da minha experiência de vida pois a ideia não me parecia muito prática. Aí levantei-me a custo por causa das minhas costas pedindo silêncio na plateia, e lhes perguntei: quem vai meter o sino no pescoço do gato?

# como contar histórias

## O Chauffeur apresentador

“Depois de receber o prémio nobel da física em 1918 Max Planck foi fazer uma tournée de conferências pelas cidades alemãs. Em qualquer lado onde tenha sido convidado ele apresentava a mesma coisa sobre a mecânica quântica.

De tanto acompanhá-lo a várias cidades, escutando a mesma conferência um dia o seu Chauffeur (condutor) que já conhecia à memória a apresentação perguntou-lhe:

- Que tal se trocarmos de lugar hoje professor? Eu faço a apresentação e você se senta na audiência com o meu chapéu para ouvir.

Max Planck aceitou e o Chauffeur conduziu a conferência naquele dia. Ao terminar, durante a fase de perguntas e respostas um professor de física fez-lhe uma pergunta.

Após ouvir a pergunta que não percebeu o Chauffeur disse:

- Não esperava que uma audiência tão distinta e académica fizesse uma pergunta tão básica como essa. Vou deixar o meu Chauffeur aqui em primeira fila responder. “

Continuando a trabalhar na nossa história é importante não assumir que vais decorar a mesma, pois seria muitíssimo arriscado pois quando estiveres a entregar podes te esquecer do fio da meada e fazer figura triste.

Uma outra forma poderosa de entrar na história é explorar o seu contexto (onde, os cheiros, os sons, o que a vista nos traz ...). Quanto mais entrares na história, mais quem vai escutar vai também sentir-se envolvida e conectada com o que estiveres a comunicar.

Vamos pegar a nossa história dos “comitê dos ratos” e explorar o contexto? Agora tenta conta a história salientando onde na tua imaginação decorreu a reunião, como era, que sons, cheiros ou o que se via. Esta fase tem muito a ver com deixar a tua imaginação te transportar sem filtros e desta forma vais ganhar um entendimento muito mais sólido da tua história e vai parecer mais natural. Vamos lá?

Era no velho sótão da casa que o comitê resolveu se encontrar para resolver o problema do gato. O ambiente estava escuro e via-se no alto a fresta do telhado partido que deixava entrar a luz do luar.

As paredes estavam cheias de teias de aranha e os ratos estavam amontados em cima de velhos caixotes onde os donos da casa guardavam as suas velharias.

De vez em quando, a reunião era interrompida pelo miar do malvado lá em baixo que se ouvia até no sótão, havia um cheiro de mofo misturado com poeira e suor pois o espaço estava lotado de ratos ansiosos e a tremer de medo.

## como contar histórias



### Falko i Djugudé

O Falko (falcão) encontrou o seu amigo Djugudé (Abutre) numa árvore pasmado e meteu conversa:

- Djugudé, como estás? O que é que estás a fazer?
- Eu estou aqui à espera quando Deus me der, respondeu o Djugudé ao Falko;
- Djugudé, disse o Falko, não podes ficar nesta pasmaceira tens que te dar da perna;

Nesse instante passou uma pomba voando perto da árvore onde estavam a ter a conversa e o falcão olhando para o abutre lhe diz:

- Vou te mostrar como se faz, e saiu voando atrás da pomba.

Vendo o falcão no seu encalce a pomba acelerou o seu voo e ao sentir o falcão aproximar-se deu uma simulação que iria virar para direita e virou no sentido contrário rapidamente. O falcão que vinha muito veloz ao tentar recuperar o esquivo da pomba fez uma curva estreita e bateu com as asas num galho e PUM, quebrou as asas e caiu no chão.

Tentou levantar-se mais lhe doía muito, e não conseguiu. Afagante pela corrida e com dores tentou arrastar-se para frente na poeira, ao que viu do canto dos olhos o Djugudé descendo do galho onde estava.

Aterrorizado, o falcão disse: não podes fazer isso comigo sou teu amigo, não podes comer-me.

Djugudé lhe disse: há bocado, lá em cima quando me perguntaste o que fazia da minha vida disse-te que aguardava quando Deus me desse. Eis que Ele me deu!

A história em cima retirada do livro “Djunbai – Estórias de Bolanha” retrata a precipitação do espírito jovem versus a calma do sábio. Então vamos ter calma, a tua história ainda pode muito melhorar. Depois de entrar na mesma, contá-la do ponto de vista de outros personagens ou objetos vai enriquecer o teu conto e torná-la mais real e atrativa. Agora vamos ver como iniciar a mesma.

# como contar histórias



## Falko i Djugudé (Cont.)

Sei que já tinha dito que não é aconselhável memorizar a história, mas pelo menos como vais iniciar as primeiras palavras tens de saber de cor e salteado. Porquê? É no início que a atenção é maior nas pessoas, queres aproveitar bem este momento e por isso definir bem como vais começar a tua história e praticá-la algumas vezes.

Esquece “era uma vez ...”, nunca comeces assim! Tenta partir por exemplo com o contexto:

“Estava uma noite fria, mas com um luar intenso que atravessava as fendas das telhas quebradas no velho sótão da casa, onde o comité dos ratos se reuniu para ...”;

Ou faz uma afirmação relevante:

“Tudo por causa do GATO. Aquele bichano malvado tinha matado na noite anterior mais dois ratos. Assim o comité dos ratos teve que se reunir para ...”;

Ou narra do ponto de vista das emoções de alguém:

“Estava curioso e excitado pois era a primeira vez que era convidado para o comité dos ratos. O jovem rato entrou logo na discussão dando uma ideia ...”;

Pratica, pratica, pratica o teu início. E depois faz o mesmo com o fim, como vais finalizar a história? Como vais associar a história com o teu assunto (motivar equipa, apresentar algum tema, transmitir algum conhecimento)?

# como contar histórias

## A XÍCARA DE CHÁ

Nan-in, um mestre japonês da Era Meiji (1868 - 1912), recebeu certo dia a visita de um erudito, professor da universidade, que vinha informar-se acerca do zen.

Nan-in serviu o chá. Encheu até a borda a xícara de seu hóspede e, ao invés de deter-se, prosseguiu vertendo o chá sobre ela com toda a naturalidade.

O erudito contemplava a cena absorto, até que, por fim, não pôde mais conter-se. “Já está cheia até às bordas. Pare, por favor”.

“Como esta xícara”, disse então Nan-in, “estás cheio de tuas próprias opiniões e especulações. Como poderia ensinar-te o que é o zen se não esvaziares antes a tua xícara?”

# como contar histórias

## A ÁGUIA E A COBRA

A cobra estava rastejando no chão. A Águia voou até ela e disse:

- Que infeliz você é condenado a rastejar por toda a tua vida. Diferente de mim - estou destinado a voar.

A Cobra olhou para a Águia e disse:

- Você está certo Águia, eu não posso voar. Mas só eu sei o que significa voar.

- Como você pode saber disso? - A Águia sorriu, - você não tem asas!

- Os pensamentos são minhas asas - disse a Cobra com orgulho - Os sonhos são meu paraíso. Enquanto rastejo no chão, fecho meus olhos e vejo o céu. Eu imagino que estou rastejando no céu, não no chão. Sim, é impossível rastejar no céu, você só pode voar. Significa que nesses momentos estou voando. Em meus pensamentos livres, estou aprendendo a voar, Águia.

Com minha alma estou subindo para o alto céu, então quando minha hora chegar e minha vida como uma cobra chegar ao fim, eu poderia ascender ao céu azul, ao céu sem fim e voar, voar e não pensar em nada, curtindo minha liberdade. E não terei medo de voar, porque não será uma coisa nova para mim. Para você Águia, as asas foram dadas quando você nasceu, mas não para mim. Mas o céu nos tornará iguais.

Estaremos voando juntos um dia, Águia, sob as nuvens. Só eu serei mais forte e mais livre do que você, porque aprendi a voar sem ter asas, simplesmente rastejando no chão. Ambas as coisas estão disponíveis para mim. Não tenho medo de perder minhas asas porque sei rastejar e não tenho medo de ganhar asas porque sei voar. E o que você vai fazer, Águia, se perder suas asas?

# como contar histórias

## O COMITÉ DOS RATOS

Havia uma excitação no ar, era a primeira vez que ia participar no comitê das famílias, e tudo por causa do gato. Ultimamente tinham-se multiplicado os acidentes entre os irmãos, e assim as famílias dos ratos convocaram uma reunião de emergência para ver como resolver a situação.

Começaram as discussões sobre o olhar atento e calado do ancião. Eu entre os mais jovens com os meus colegas estava entusiasmado a seguir o que se passava nas entranhas da velha casa onde vivíamos. O subterrâneo cinzento e com cheiro a mofo tinha-se lotado de todas as famílias amedrontadas e aterrorizadas pelos ataques do gato que tinha levado ainda ontem o irmão Jaime.

Então, deu-me uma ideia e com toda a excitação pedi a palavra à assembleia dizendo: porque não metemos um sino no pescoço do gato?

Caiu um silêncio, e todas as caras viram-se para mim com grandes sorrisos: “Boa ideia, é isso mesmo se o gato tiver um sino não nos vai surpreender mais pois conseguiremos lhe ouvir quando se aproxima.” A assembleia gostou muito da ideia com a possibilidade de poder escapar às garras do bichano e se abraçavam uns aos outros contentes por terem encontrado a solução.

Vindo tudo o que se passava, entre júbilos e comemorações, o ancião levantou-se da sua cadeira chamando a atenção da plateia que se silenciou para o ouvir, e disse:

“Quem vai meter o sino no pescoço do gato?”

Moral: É muito fácil ter uma ideia, o difícil é meter em prática

# como contar histórias

## OS GUARDIÕES DO TEMPLO

Nas montanhas mesmo em cima da antiga cidade de Kyoto no Japão fica o templo de Kiyomizudera. Fundado no ano 772 esse grande templo totalmente feito em madeira sem um único prego. Ao aproximares à entrada principal atravessas uma rua de pequenas lojas a venderem leques, kimonos e outros souvenirs. Perto do portão há uma fonte que os visitantes usam para lavar as mãos com a água a sair da boca de um dragão de metal.

As escadarias de pedra a subirem nos conduzem a uma impressionante portaria, sua madeira com uma cor laranja brilhante, os lábios do teto levantados ao ar para mostrar as partes de baixo como um cogumelo a mostrar as suas guelras.

Seria muito fácil passarmos pelo portão do templo sem notarmos os dois guardiões que observam o nosso aproximar. Se olhares para ambos os lados da entrada irás reparar numa parede verde na forma de grelha como uma cabine de sentinela que ladeia a entrada.

Se espreitares através da grelha verde em ambos os lados encontrarás o olhar de um demónio. Estas duas estátuas são chamadas “Nio” e são os guardiões tradicionais de Buddha. Na parte esquerda está “Misshaku Kongou Rikishi”, montando a sílaba ‘ah’ que significa nascimento- ‘alpha’ - enquanto do lado direito fica “Naraen Kengoou” fazendo o som ‘uh’ que significa morte ‘omega’.

O portão está aberto mas tens que passar entre os guardiões. O estudioso de mitos Joseph Campbell descreve os guardiões como o limite da aventura – espíritos típicos que se levantam no momento em que o herói se atreve a sair da sua zona de conforto aceitando os desafios da corrida.

Quando te decides em fazer algo extraordinário na tua vida a caminhada do futuro pode parecer plana e suave, mas depois da excitação inicial subentra um clima mais sóbrio onde comesças a pensar em todos os obstáculos que irão aparecer no teu caminho.

E aí ocorre-te o pensamento que para realizares quaisquer das tuas ambições tens que enfrentar dois guardiões tão potentes como “Nio” os gémeos da rejeição e crítica.

Mas aqueles que saem a correr ao encontrarem rejeição e críticas fazem-no porque não sabem de um segredo importante sobre os guardiões: por mais feios possam ser não estão aí para destruir o herói, mas sim para te testarem para verem se estás pronto para a aventura.

# como contar histórias

## OS GUARDIÕES DO TEMPLO (CONT.)

A função do guardião é afugentar os imaturos e despreparados, permitindo uma passagem segura ao herói com coragem suficiente para enfrentá-lo nos olhos e mantendo a sua caminhada para frente. Estás preparada (o) para a tua jornada empreendedora?

# como contar histórias

## O EGO E O AMOR

Uivava cada vez mais forte o vento acompanhado por terríveis trovões no Céu. As ondas em alvoroço batiam nas encostas da Ilha dos Sentimentos, cada uma mais alta e violenta do que a anterior.

O desespero tomou conta dos habitantes da Ilha dos Sentimentos com a água desgraçadamente a encobri-la por todos os lados. Felizmente o AMOR, porque tem amor construiu um barco para salvar todos.

Todos subiram para o barco mas na contagem deram por falta do EGO. Logo desceu o AMOR porque é a sua natureza ir buscar o EGO. Por mais que insistisse com o EGO o AMOR não conseguia demovê-lo da sua posição. Os outros pediram ao AMOR para subir pois faltava pouco tempo.

Mas, o AMOR por ter amor queria salvar todos. A Ilha dos Sentimentos não resistiu mais às ondas que a cobriram matando o AMOR.

Moral: só o EGO pode matar o AMOR

# como contar histórias

## BIG JOHN

Assim como todas as manhãs o condutor de autocarros foi à garagem apanhar a sua viatura. Saiu na estrada parando em 1,2 e 3 paragens na mesma rotina: pessoas entrando e saindo.

Chegado à paragem 4 subiu um homenzarrão de 1.90 metros com músculos por todo o lado dizendo ao condutor enquanto subia: Big John não paga autocarro. De seguida o homenzarrão foi sentar-se na ultima fila.

O condutor de estatura mediana e físico normal engoliu a seco e prosseguiu o seu caminho. Após 4 ou 5 vezes dessa situação o condutor resolveu inscrever-se num ginásio onde por vários meses fez musculação, judo e karaté.

Um dia, na sua ronda pelas paragens encontra o Big John e a história se repetiu: Big John não paga autocarro, disse o homem. Sentindo-se à altura desta vez o condutor barra-lhe o caminho de entrada e num tom desafiador pergunta: porquê? Responde-lhe o homem: Big John tem PASSE.

Moral: Antes de dedicares esforço e tempo numa solução certifica-te que esta a abordar o problema adequado

# como contar histórias

## 2 grãos

Dois grãos estavam lado a lado no solo fértil.

O primeiro grão dizia: “Eu quero crescer! Eu quero fincar raízes no solo e brotar do solo. Tenho o sonho de desabrochar em botões delicados e proclamar a chegada da primavera. Quero sentir os raios quentes do sol e o orvalho caindo nas minhas pétalas!”.

Este grão cresceu e se tornou uma bela flor.

O segundo grão disse: “Estou com medo. Se eu colocar minhas raízes no chão, não sei o que eles vão enfrentar lá. Se eu cultivar caules tenros, eles podem ser danificados pelo vento. Se eu plantar flores, elas podem ser interrompidas. Então, prefiro esperar o momento mais seguro.

Assim o segundo grão ficou à espera, até que o frango que passou o bicou e engoliu.

**Gostou do ebook?  
Tem alguma pergunta  
que gostaria de fazer-  
nos?**



+238 262 52 52  
[nuno@lestipay.net](mailto:nuno@lestipay.net)

# como contar histórias

NUNO LEVY

***ebook***

 **LestoPay**  
PAGAMENTOS RÁPIDOS